

# O fenômeno da Globalização: dimensões e contradições do processo

*Loivo José Mallmann<sup>1</sup>*

---

**RESUMO:** A palavra *globalização* é uma das mais utilizadas na atualidade. O termo passou a ser empregado e difundido nos anos oitenta para definir o processo no qual os mesmos produtos eram comercializados simultaneamente em distintas partes do mundo. O atual processo é entendido como a mundialização da economia de mercado. Apesar de estar centrado na área econômica o processo atinge todos os campos da vida social. O texto analisa a globalização em três dimensões: a tecno-econômica; a sócio-política e a ideológico-cultural. Descrito o fenômeno fazemos uma crítica ao processo em vigor. As principais contradições desenvolvidas no artigo são o aumento das desigualdades e a concentração da riqueza; a crise ecológica; o caráter impositivo do processo e o déficit de democracia. O artigo conclui alertando para a necessidade de uma análise ética do fenômeno.

**PALAVRAS-CHAVE:** globalização; democracia; ética; vida social.

---

## Introdução

Se em outras épocas a história dos povos estava circunscrita às suas fronteiras nacionais, hoje fica difícil não estar conectado e acompanhar, em tempo real, fatos ocorridos numa pequena aldeia do interior da Lituânia. Estamos construindo uma aldeia global, um mundo sem fronteiras, vaticinam os mais otimistas. Para outros o processo não passa de uma uniformização e implantação de um mercado mundial, onde se vendem os gostos e os produtos ocidentais para todos os países. Neste processo há os ganhadores e os perdedores. Este processo de globalização não é primeiro na história. Já houve outras anteriores, como o helenismo, ainda que não levassem esta denominação. Mas o atual processo tem características novas e particulares que queremos analisar.

A economia de mercado, no bojo da terceira revolução tecnológica – microeletrônica e informacional -, alça novos vãos e questiona o papel dos Estados nacionais. Impulsionada pela ideologia neoliberal, a globalização se apresenta como o único caminho a ser aceito pelos países, caso não queiram ser jogados no ostracismo da história. Questionamos esta visão e nos propomos a fazer uma análise crítica do processo.

O trabalho consta de três partes. Num primeiro momento vamos aclarar o significado do conceito globalização e do seu correlato

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Moral pela Universidade Pontifícia Comillas (Madri). Professor do Instituto de Cultura Religiosa da UCPEL.

mundialização. À continuação, no ponto dois, tratamos das dimensões da globalização. Como fenômeno, a globalização alcança todas as dimensões da vida. Para melhor entender o processo o analisaremos em três áreas de influência: a tecno-econômica, a sócio-política e a ideológico-cultural. Em cada uma das três dimensões destacamos alguns elementos que nos parecem mais importantes. A terceira parte do texto trata das contradições do processo. Aqui destacamos quatro limitações do processo de globalização atualmente em vigor: o aumento das desigualdades, a crise ecológica, o caráter impositivo do processo e o déficit de democracia. O artigo termina com uma breve análise conclusiva.

## 1. DEFININDO OS CONCEITOS

### 1.1. O conceito de globalização

Para García Roca<sup>2</sup> a globalização “é um processo que possibilita o intercâmbio de bens e serviços e o fluxo das riquezas; a globalização econômica é a última fase do desenvolvimento do capital, que vai se expandindo sob a forma de capital-mercadoria, capital-dinheiro e capital-financeiro”<sup>3</sup>.

Outro autor que analisa a problemática da globalização com riqueza de detalhes é o sociólogo alemão Ulrich Beck<sup>4</sup>. Ele define a globalização como os processos em virtude dos quais os Estados nacionais se misturam com atores transnacionais em diferentes escalas e configurações. A globalização ocorre dentro do processo de expansão do capitalismo onde “não existe nenhum poder hegemônico nem um regime internacional, seja de tipo econômico ou político”<sup>5</sup>.

Milton Santos define a globalização como o “ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”<sup>6</sup>. Javier Martínez Peinado vai na mesma linha e define a globalização como a “mundialização da economia de mercado”<sup>7</sup>. A globalização significa, pois a mundialização das relações estruturais básicas e as contradições inerentes ao sistema econômico capitalista. Para estes dois autores a globalização somente pode ser entendida dentro do marco do sistema capitalista, que lhe dá a essência e a consistência.

---

<sup>2</sup> J. GARCÍA ROCA, *Globalización económica y solidaridad humana*, en: AA.VV., *A globalización y sus excluidos*, Verbo Divino, Estella, 1999, 95-126. Aqui: 97-98.

<sup>3</sup> A tradução deste texto e de outros oriundos do espanhol foi feita pelo autor.

<sup>4</sup> Cf. U. BECK, *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*, Paidós, Barcelona, 1998.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 32.

<sup>6</sup> M. SANTOS, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 8ª ed., 2001. Aqui, p. 23.

<sup>7</sup> J. MARTÍNEZ PEINADO, *El capitalismo global. Límites al desarrollo y a la cooperación*, Icaria, Barcelona, 1999.

Na visão do economista e empresário Guillermo de la Dehesa<sup>8</sup> a globalização é um “processo dinâmico e crescente de integração mundial dos mercados de trabalho, bens, serviços, tecnologias e capitais”<sup>9</sup>. Uma série de liberdades garante este processo, como a liberdade de comercializar com qualquer país aproveitando as vantagens comparativas que oferecem.

Depois de fazer um breve repasso do significado do termo queremos agora destacar uma definição de globalização que nos parece bem abrangente. Para isto utilizamos a síntese apresentada por Josep Serrano<sup>10</sup>:

“Entendemos a globalização como um processo de interconexão financeira, econômica, social, política e cultural que se intensifica com o barateamento dos transportes e a incorporação das novas tecnologias da informação e da comunicação num contexto de crise econômica (1973), com a vitória política do capitalismo (1989) e pelo questionamento cultural dos grandes ideais”.

## 1.2. O conceito de mundialização

Alguns autores como García Roca fazem uma distinção entre os termos globalização e mundialização. Para ele a mundialização significa pertencer a um único mundo, interconectado e interdependente, que oferece novas oportunidades de convivência pacífica e mais humanizada. A mundialização é para García Roca a meta a ser alcançada. Na mundialização se valorizam mais os aspectos qualitativos da vida humana mais do que os quantitativos.

O *Informe sobre o Desenvolvimento Humano de 1999* apresenta uma definição de mundialização idêntica àquela apresentada por García Roca. O Informe destaca que a mundialização é mais que o intercâmbio de dinheiro ou produtos; é a interdependência cada vez maior de todos os povos do planeta. E acrescenta que a mundialização integra, além da economia, os âmbitos da cultura, da tecnologia e das estruturas de governo<sup>11</sup>.

O termo globalização foi introduzido pelos analistas anglo-saxões para se diferenciar dos teóricos de língua francesa que preferem utilizar o vocábulo mundialização<sup>12</sup>. No presente artigo utilizaremos indistintamente a palavra globalização como mundialização para nos referir ao mesmo fenômeno.

---

<sup>8</sup> Cf. G. De la DEHESA, *Comprender la globalización*, Alianza, Madrid, 2000. Aqui, p. 17.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> J. M. SERRANO, *La globalización*”, Cuadernos Cristianisme i justícia, n° 103, Barcelona, 2000.

<sup>11</sup> Cf. PNUD, *Informe sobre el Desarrollo Humano 1999*, Mundi-Prensa, Madrid, 1999, 1.

<sup>12</sup> Cf. J. M. VIDAL VILA, *Mundialización y Estados Nacionales*, en AA.VV., *Maastricht y el futuro de Europa*, Del Serbal, Barcelona, 1997.

### **1.3. O conceito de globalização que vamos seguir**

A globalização econômico-financeira é um processo recente e afeta todas as dimensões da vida. O processo é a fase atual do desenvolvimento do sistema capitalista e é impulsionado pela terceira revolução industrial surgida a partir da segunda metade do século XX. Todas as inovações tecnológicas na área da informática, microeletrônica, da engenharia genética e dos novos sistemas de comunicação (principalmente Internet) fazem com que todos os mercados de capitais estejam interconectados e aumente a velocidade das transações financeiras. O termo mundialização será empregado com o mesmo significado de globalização.

## **2. DIMENSÕES DO PROCESSO DA GLOBALIZAÇÃO**

Para o cientista social norte-americano Daniel Bell a sociedade se organiza analiticamente em três estruturas ou subsistemas: o tecno-econômico, o político e o cultural<sup>13</sup>. Em nossa análise da globalização vamos seguir esta estrutura básica apresentada por D. Bell. Analisaremos a globalização na sua dimensão tecno-econômica, sócio-política e ideológico-cultural<sup>14</sup>. Consideramos que estas três dimensões são interdependentes e permitem uma visão ampliada do processo.

### **2.1. A globalização tecno-econômica**

- a) As novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) na economia

A mundialização da economia somente é possível graças ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Estas novas tecnologias, sobretudo a informática, a comunicação e a Internet, são fatores de prosperidade, ainda que nem todos os países tenham a mesma facilidade e condições para utilizar estas tecnologias.

- b) A transformação nos distintos âmbitos da economia

No atual processo de globalização o setor econômico está profundamente afetado. As mudanças atingem diferentes setores como a

---

<sup>13</sup> Cf. D. BELL, *O advento da sociedade pós-industrial*, Cultrix, São Paulo, 1977.

<sup>14</sup> Estas três dimensões da globalização aparecem na análise de J. M. SERRANO, *La globalización, o.c.*

expansão de novas formas de produção; as transformações no mundo do trabalho; as alterações no setor de capitais.

1) *A desmaterialização dos produtos*: significa que os elementos imateriais que levam incorporados como o desenho, a imagem, as patentes, etc..., têm um peso significativo no valor final do produto. Um exemplo é o caso do tênis esportivo *Nike* ou da *Coca-Cola*. No preço final do produto pesam mais a publicidade – no caso do tênis – e a patente do invento – no caso da bebida – do que os componentes utilizados para fabricar a mercadoria.

2) *Transformações no mundo do trabalho*: de forma progressiva o trabalho vai perdendo o seu valor no processo de produção da riqueza. O trabalho incorporado aos novos aparelhos de alta tecnologia multiplica a capacidade produtiva. Os dados revelam que a economia mundial caminha rapidamente para a era da fábrica sem trabalhadores<sup>15</sup>. Além de escassos, os contratos de trabalho tornam-se sempre mais flexíveis e precários. Esta diminuição do trabalho assalariado tem também o seu lado positivo, pois libera a pessoa de realizar trabalhos degradantes e pesados. Surge assim a possibilidade de superação da sociedade salarial e valorizar outras formas de trabalho (como o terceiro setor), um dos pilares do modelo econômico capitalista.

3) *Mudança no setor financeiro*: a mundialização provoca alterações significativas na área do capital financeiro. A interdependência global dos mercados financeiros é resultado da abertura dos mesmos mercados e a liberação das transações transnacionais. A globalização dos mercados financeiros é a espinha dorsal da nova economia.

O processo de mundialização do capital revela a importância que o capital especulativo alcança na fase atual de desenvolvimento do capitalismo. O sistema é mantido e alimentado pelas grandes instituições financeiras internacionais nascidas dos acordos de Bretton Woods<sup>16</sup> (Fundo Monetário Internacional (daqui em diante, FMI) e o Banco Mundial (daqui em diante, BM)) e pelos Estados mais ricos do planeta. Este capital-dinheiro vai se afastando sempre mais dos processos produtivos e comerciais para buscar rentabilidade no campo especulativo. A mundialização financeira é ao mesmo tempo o ápice do capitalismo sem freio e um retrato da sua irracionalidade. O capital, cada vez mais concentrado volátil, aparece sempre mais desconectado da economia real dos países. O mundo das finanças torna-se imaterial, multipresente e vai adquirindo ares de um culto sagrado: a “religião do mercado”<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Cf. J. RIKFIN, *O fim dos empregos*, Makron Books, São Paulo, 1995.

<sup>16</sup> Cf., por exemplo, J. ADDA, *Globalización de la economía*, Sequitur, Madrid, 1999. Aqui: pp. 89-96. O FMI e o BM são sistemas públicos de financiamento multilateral gerenciados pelas instituições nascidas em Bretton Woods.

<sup>17</sup> Cf. CNBB, *A fraternidade e os desempregados*, o. c., 29-33.

## 2.2. A globalização sócio-política

A segunda dimensão da globalização que vamos analisar está relacionada com seus aspectos sociopolíticos. A dimensão política da globalização inclui todas as diretrizes que apóiam o desenvolvimento e a expansão da globalização. Alguns autores chamam de “neoliberais” as políticas que ampliam a mundialização. Estas políticas, segundo estes analistas, são promovidas pelos organismos internacionais como o BM, FMI, OMC e pelos países mais ricos e vão criar as condições para a expansão da globalização. As principais medidas neoliberais são: “abertura dos mercados nacionais, desregulamentação, eliminação de obstáculos para a aquisição dos ativos nacionais (privatizações), etc...”<sup>18</sup>. O BM e o FMI dão as ‘orientações’ para os países da periferia mundial que tentam entrar neste ‘paraíso’ do equilíbrio macroeconômico e buscam integrar-se na economia globalizada. Na realidade, as dimensões real, ideológica e política da globalização estão estreitamente conectadas. Só por uma questão metodológica e, para facilitar a estudo, é que podemos analisá-las separadamente.

### a) A crise do Estado-nação

As democracias modernas se constituíram em torno dos Estados nacionais, que lhes dão sustento e legitimidade. No contexto da mundialização, quando as problemáticas ultrapassam as fronteiras de cada país, o Estado-nação entra em crise. A interconexão financeira e comercial transcende as fronteiras e coloca em cheque o Estado nacional soberano. As empresas multinacionais são unidades econômicas maiores que muitos Estados e seus projetos e investimentos decidem a sorte de milhões de pessoas. Isto sem falar que o capital volátil pode provocar a crise econômica em muitos países, como ocorreu com a crise asiática de 1997.

### b) O ‘Estado-mínimo’

O Estado-nação, tal como foi desenvolvido dentro dos parâmetros do capitalismo, é um hoje um obstáculo para o progresso da mundialização do capital. Os defensores da globalização econômica entendem que o Estado “é grande demais para cuidar das questões locais e pequeno demais para lidar com as questões globais”<sup>19</sup>.

Assim, o Estado liberal próprio de um mundo globalizado caracteriza-se por três abandonos ou renúncias básicas<sup>20</sup>: por abdicar de

<sup>18</sup> MARTÍNEZ PEINADO, *El capitalismo global...*, o. c., 43.

<sup>19</sup> *Ibid.*, 49.

<sup>20</sup> Cf. V. FLORES OLEA, *Crítica de la Globalidad. Dominación y liberación en nuestro tiempo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1999. Aqui, p. 156.

suas responsabilidades sociais; por abster-se, ao menos teoricamente, nas tarefas de regulação econômica, passando toda responsabilidade para o mercado; por esquecer-se dos valores públicos e promover e exaltar os valores privados.

c) O governo mundial

A globalização econômica é ‘governada’ pelas organizações econômicas mundiais, pelas entidades ligadas ao campo das transações econômicas e pelas grandes potências mundiais. Junto com o FMI e o BM deve-se destacar o importante papel que a OMC e a OCDE desempenham na organização da economia mundial. Estas entidades promovem atualmente três políticas inter-relacionadas que impulsionam o processo de globalização: 1) a desregulamentação das atividades econômicas interna (começando pelos mercados financeiros); 2) a liberalização do comércio e o incentivo ao investimento internacional; 3) a privatização de companhias controladas pelo setor público (em muitos casos vendidas a investidores estrangeiros).

A direção do processo de globalização também passa pelas diretrizes e pelos governos dos sete países mais ricos do planeta, mais conhecido por grupo G-7<sup>21</sup>. Dentro do grupo do G-7 a liderança dos Estados Unidos é incontestável. Por sua superioridade militar os EUA se reservam o direito de atuar como polícia e xerife da nova ordem mundial.

Os mentores da globalização se reúnem anualmente para debater o futuro do processo. Trata-se do *Fórum Econômico Mundial* que se celebra anualmente em Davos, pequena localidade da Suíça<sup>22</sup>. Desde 1970 este Fórum reúne banqueiros, chefes de Estado e de Governo, formadores de opinião, empresários e políticos para refletir sobre a conjuntura mundial e atualizar as receitas econômicas que serão aplicadas para superar as crises da mundialização.

d) Os novos movimentos sociais

Em distintas partes do mundo se levantam vozes críticas ao atual modelo de globalização que se está construindo à margem de controles éticos e políticos. São as organizações não governamentais as entidades da sociedade civil que mais se mobilizam para questionar alguns aspectos da globalização. As mobilizações de Seattle, Gotemburgo e Gênova são um exemplo. Entre as entidades que criticam o atual modelo de globalização destaca-se a ATTAC<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> A Rússia pode ser contada neste grupo, formando uma espécie de G-8.

<sup>22</sup> Este ano, excepcionalmente, o Fórum foi realizado em Nova Iorque, como forma de solidarizar-se com a cidade que ainda vive as consequências dos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001.

<sup>23</sup> ATTAC é a sigla da *Ação para a Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos*. ATTAC foi criada na França em 1998. A entidade defende que as transações financeiras sejam taxadas em 0,1% (Taxa Tobin). Hoje a associação está organizada em mais de 15 países.

Outra iniciativa recente e com repercussão mundial é o *Fórum Social Mundial* (daqui em diante, FSM), que é uma espécie de contraponto do *Fórum Econômico Mundial* realizado anualmente em Davos. O primeiro FSM foi realizado no final de Janeiro de 2001, em Porto Alegre (Brasil) e reunião mais de doze mil pessoas, entre membros de ONGs, políticos e pensadores, para discutir possibilidades e alternativas para o atual processo de globalização excludente. Em janeiro de 2002 Porto Alegre sediou o 2º FSM, cujo tema era “Um outro mundo é possível”. A esperança e a diversidade cultural marcaram os debates.

### 2.3. A globalização ideológico-cultural

A dimensão ideológico-cultural é, em nosso entender, outra característica central da globalização. Sua importância reside no fato de que o processo de mundialização da economia, a abertura de novas fronteiras comerciais, vem justificada por discursos e ideologias que dão sustentação ao processo. As políticas neoliberais, a sacralização do mercado e construção da aldeia global ocidental são algumas das ideologias que promovem a expansão do processo.

#### a) A ideologia neoliberal

A ideologia globalizante ou neoliberal é chamada por Ignácio Ramonet de “pensamento único”. O neoliberalismo não é um corpo de doutrinas homogêneo. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o neoliberalismo é “um programa de destruição das estruturas coletivas capazes de obstaculizar a lógica do mercado puro”<sup>24</sup>. O neoliberalismo propugna também que a ação do Estado sobre a economia deve diminuir cada vez mais. “*O Estado não é a solução; o Estado é o problema*” é um dos slogans que resume esta maneira de pensar.

A superação do subdesenvolvimento, segundo os ideólogos neoliberais, passa por reforçar e expandir os mecanismos do mercado. Seu lema é: “*mais mercado e menos Estado*”. Por isso propõem que os países subdesenvolvidos apliquem as seguintes medidas<sup>25</sup>: 1) Privatizar, para acabar com as empresas públicas pouco eficientes; 2) Liberalizar o comércio exterior, para que aflorem as vantagens comparativas; 3) Estabelecer um sistema legal e judicial para proteger a propriedade e garantir o usufruir dos benefícios sem excessivas cargas fiscais; 4) Reduzir o tamanho do Estado, que deve cortar seus gastos sociais.

---

<sup>24</sup> P. BOURDIEU, *Le essence du néolibéralisme*: Le Monde Diplomatique (março 1998), 3.

<sup>25</sup> Cf. L. DE SEBASTIÁN, *La mundialização económica*, en: AA.VV., *¿Mundialización o conquista?*, Sal Terrae, Santander, 1999. Aqui, p. 66.

b) A sacralização do mercado

A globalização passou a ser um dogma que propugna a centralidade do mercado. Difunde-se a crença de que tudo irá bem se o mercado for bem. Graças ao ‘espírito do mercado’ o mundo será redimido. Para Ricardo Petrella, professor de Sociologia da Universidade Católica de Lovaina – Bélgica, o mercado virou uma religião, com seus dogmas e sacerdotes<sup>26</sup>.

c) Universalização da cultura e modelo de vida ocidental

A nova cultura global é marcadamente a universalização da cultura ocidental, ou, mais especificamente, do estilo de vida e da sociedade norte-americana<sup>27</sup>. Globalizam-se o estilo de vida consumista e individualista ocidental. Este imperialismo cultural ocidental se mantém graças aos monopólios existentes nos meios de comunicação de massas. Esta nova cultura global é denominada por Benjamín Barber de *cultura McWorld*<sup>28</sup>. Chama-se *cultura McWorld* por causa das grandes marcas comerciais como *McDonalds*, *McIntosh* e outras, que estão presentes na maioria dos países. Este mesmo fenômeno é denominado por outros autores de “*Disneyandização*” da sociedade<sup>29</sup>.

### 3. CONTRADIÇÕES DO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

A globalização é um processo ambíguo, com possibilidades e riscos. Dentro da atual condução do processo há avanços significativos em várias áreas. Interessa-nos, contudo, analisar algumas contradições do processo, que geralmente encontram menos espaço ou expressão nos meios de comunicação. As lacunas ou limitações que vamos analisar são os seguintes: a crescente desigualdade no mundo; a destruição do meio-ambiente; a dimensão ideológica e totalizadora da globalização e a falta de mecanismos democráticos para orientar o processo.

---

<sup>26</sup> Cf. R. PETRELLA, *El bien común. Elogio de la solidaridad*, Debate, Madrid, 1997.

<sup>27</sup> Cf. J. GARCÍA ROCA, *Globalización – un mundo único desigual y antagónico*, en: A. CORTINA, *10 palabras clave en filosofía política*, Verbo Divino, Estella, 1998, 175-176.

<sup>28</sup> Cf. B. BARBER, *Cultura McWorld contra democracia: Le Monde Diplomatique*, (agosto-septiembre 1998), 28. Texto citado por J. M. SERRANO, *La globalización, o. c.*, 28-29.

<sup>29</sup> Cf. P. BRUCKNER, *La tentación de la inocencia*, Anagrama, Barcelona, 1996.

### 3.1. A pobreza em um mundo desigual

O motor do sistema capitalista é a constante expansão do capital que persegue um crescimento contínuo e ilimitado. Não há dúvida de que o capitalismo globalizado gera melhorias significativas em muitos âmbitos da vida social. As estatísticas revelam que a riqueza segue aumentando a cada ano. O que se percebe, porém, é que estes avanços não beneficiam a maioria da população mundial, mas ficam concentrados em algumas regiões ricas do planeta. Este processo de concentração da riqueza vai aumentando a diferença entre os países pobres e os países ricos, ainda que, em números absolutos, a riqueza segue aumentar sempre mais.

#### a) As cifras da desigualdade

Os dados do Informe do Banco Mundial sobre o desenvolvimento revelam que nosso mundo se caracteriza por uma grande pobreza no meio da abundância<sup>30</sup>. Dos mais de 6 bilhões de habitantes do planeta, 2.800 milhões —quase a metade - vivem com menos de 2 dólares diários, e 1.200 milhões —uma quinta parte— com menos de 1 dólar por dia; 44% desse total encontram-se na Ásia Meridional. Atrás destes números encontramos pessoas e grupos sociais que vivem subnutridos, doentes, que têm pouco poder e estão submetidos à vulnerabilidade, à violência e ao medo. A pobreza, com todas as suas conseqüências, é a “negação dos direitos humanos”<sup>31</sup>.

#### b) A desigual distribuição da riqueza

O ingresso médio de recursos dos 20 países mais ricos é 37 vezes maior do que o das 20 nações mais pobres; esta brecha duplicou nos últimos 40 anos<sup>32</sup>. A pobreza vem aumentando ou diminuindo de forma distinta no mundo. Na Ásia oriental o número de pessoas que viviam com de 1 dólar por dia baixou de 420 milhões para 280 milhões entre 1987 e 1998. Em troca, na América Latina, Ásia Meridional e África Subsaariana, houve um aumento significativo do número de pessoas pobres. Nos países da Europa e da Ásia central que estão em vias de transição para se tornarem economias de mercado, o número de pessoas que vivem com menos de 1 dólar diário foi multiplicado por mais de 20 na década dos 90.

---

<sup>30</sup> BANCO MUNDIAL, *Informe sobre o Desenvolvimento Mundial 2000/20001: Luta contra a pobreza*, 2000, em: página WEB [www.bancomundial.org](http://www.bancomundial.org)

<sup>31</sup> K. MATSUURA, *La pobreza es la negación de los derechos humanos*: El País, 20-06-01, 26. K. Matsuura é diretor geral da UNESCO.

<sup>32</sup> Cf. BANCO MUNDIAL, *Informe sobre o Desenvolvimento Humano 2000/2001*, o. c.

c) O drama da África e da América Latina

Os países da América Latina, junto com África, vão se distanciando cada vez mais, a nível econômico e social, dos demais países do mundo. Isto é o que revela um informe do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) sobre indicadores econômicos e sociais<sup>33</sup>. O baixo crescimento econômico da América Latina só é maior que aquele verificado na África e nos países pobres da Ásia. No item distribuição da riqueza, porém, os países latino-americanos apresentam os piores resultados.

A distancia entre ricos e pobres vem aumentando na última década na América Latina, situação que se agravou com as recentes crises econômicas em alguns países do continente. A Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), afirma que a distância que separa ricos e pobres aumenta sempre mais<sup>34</sup>. Segundo o mesmo informe existem hoje na América Latina 224 milhões de pessoas que vivem na pobreza. Entre os anos de 1990 e 1997 a pobreza na região diminuiu e passou de 41% para 36%. O informe destaca que no biênio de 1998 e 1999 a pobreza voltou a crescer em consequência da reestruturação econômica e da crise financeira, que vão definindo sempre novos ganhadores e perdedores do processo.

### 3.1. A crise ecológica e a lógica neoliberal

A Academia Nacional das Ciências dos Estados Unidos e a Real Sociedade de Londres editaram em 1992 um informe. Nele advertiam que, se não houvesse mudanças no modelo de desenvolvimento em vigor, a ciência e a tecnologia pouco poderiam fazer para evitar a crescente degradação do meio ambiente. Hoje não é necessário ser um especialista para detectar o grau de deterioração que o planeta vem sofrendo. Os problemas ecológicos que afetam nosso mundo alcançam novas proporções na medida em que o processo de globalização vai avançando. O tema da ecologia ultrapassa os pequenos âmbitos das academias e grupos de intelectuais ecologistas, e passou a ser difundido pelos grandes meios de comunicação. A ecologia é agora um problema de todos.

a) O estilo de vida consumista

A destruição do meio ambiente está diretamente relacionada com o estilo de vida que predomina em nossas sociedades ocidentais desenvolvidas. No Norte do planeta, onde vivem um quinto da população mundial, se consome 70% da energia, 60% dos alimentos e 85% da madeira<sup>35</sup>. A economia está sempre buscando inovações para satisfazer

---

<sup>33</sup> Cf. CEPAT INFORMA n. 62 (2000).

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> Cf. J. R. AMOR, *Ecología*, en: J. GAFO, *10 palabras clave en Ecología*, Verbo Divino, Estella, 1999, 15-63. Aquí: p. 59.

um público cada vez mais ávido para consumir novidades. O “automóvel” é o protótipo do produto de consumo mais divulgado nas propagandas na TV. Movido por combustíveis fósseis, o automóvel, pela emissão do dióxido de carbono, é um dos maiores poluidores atmosféricos do planeta. A universalização deste verdadeiro fetiche ocidental tornaria inviável a vida no planeta.

Para E. Fromm<sup>36</sup> a pessoa pode escolher entre dois modos básicos de existência: um centrado no ter e outro centrado no ser. O que predomina hoje é o modo do "ter", que impulsiona o consumo desenfreado e provoca a destruição dos recursos naturais. Este processo é não algo somente individual, mas há toda uma cultura centrada no consumismo que põe em perigo a vida presente e futura do planeta. Questionar a lógica consumista, que pouco se preocupa com os efeitos destrutivos que desencadeia, é ferir o motor e a lógica interna da economia capitalista.

b) A degradação do meio ambiente

Os problemas ecológicos alcançam hoje proporções planetárias. Impulsionado pelos descobrimentos científicos, o homem moderno e contemporâneo segue a meta de buscar um progresso ilimitado. Esta expansão continuada do sistema econômico capitalista é questionada quando se percebe que os recursos naturais são limitados, e muitos deles não renováveis. Este modelo de desenvolvimento técnico-científico, além de perseguir um progresso sem limites, está marcado por uma visão direcionada para o presente. O que importa é o momento atual e, por isso, é impossível pensar a longo prazo. Tal atitude é muito perigosa pois, seguindo esta ética pragmática, não há espaço para discutir sobre o direito de sobrevivência para as gerações futuras.

A crise ecológica está relacionada e se agrava com o modelo de desenvolvimento impulsionado pelo processo de globalização da produção capitalista. O projeto da sociedade industrial desembocou em um autêntico beco sem saída, segundo alguns analistas. Para J. Moltmann, “caso não ocorra uma conversão radical nas orientações fundamentais das sociedades humanas, não será possível realizar uma práxis de vida alternativa. Esta crise, então, desembocará numa catástrofe global”<sup>37</sup>. Esta afirmação de Moltmann parece um pouco catastrófica, mas é verdadeira. Pelos dados que fomos manejando, está claro que, seguindo o atual modelo de globalização, centrado principalmente em aspectos econômicos, estamos comprometendo o futuro do nosso planeta.

Há uma série de problemáticas ecológicas, dentre as quais destacamos as seguintes:

---

<sup>36</sup> Cf. E. FROMM, *Ter ou ser?*, Zahar, Rio de Janeiro, 1977.

<sup>37</sup> J. MOLTMANN, *Doutrina Ecológica da Criação – Deus na Criação*, Vozes, Petrópolis, 1993. Aqui, p. 42.

1) *A alteração climática*: A temperatura global do planeta aumentou entre 0,3 e 0,6 graus centígrados nos últimos 130 anos. É um aumento significativo se levamos em conta que nos últimos 10.000 anos a mudança no clima foi de apenas 2°C<sup>38</sup>. A contaminação atmosférica provoca o efeito “estufa”, que impede a refração da radiação solar, por isso se incrementa a temperatura da Terra e provoca o degelo nos pólos e a elevação do nível dos mares<sup>39</sup>.

2) *A contaminação atmosférica*: nos grandes centros urbanos e nas zonas industriais verifica-se um alto nível de contaminação atmosférica causada principalmente pela emissão de gases das indústrias e dos automóveis. Alguns cálculos indicavam que em 1990 havia no mundo um total de 580 milhões de automóveis e a previsão é de que serão aproximadamente 800 milhões em 2010. A situação fica mais caótica com o fenômeno da “inversão térmica”, que faz com os gases poluentes fiquem estagnados na atmosfera.

3) *A “chuva ácida”*: com a utilização de combustíveis fósseis são lançados na atmosfera óxidos de enxofre e de nitrogênio. Ao entrar em contato com a umidade e com a luz solar estes gases transformam-se em ácido sulfúrico e ácido nítrico que caem em forma de “chuva ácida”, causando a acidificação de rios, lagos e solos, destruindo as plantas e matando os peixes.

4) *Os buracos na camada de ozônio (O3)*: a camada de ozônio (O3), uma espécie de filtro que nos protege dos raios ultravioletas, está sendo destruída pela emissão dos clorofluorcarbonetos (CFCs) utilizados nos aerossóis. A destruição da camada de ozônio produz os chamados “buracos negros” na regiões da Antártida e do Ártico. O aumento da irradiação dos raios ultravioletas gera um incremento nos casos de câncer de pele e afeta negativamente o fitoplâncton.

5) *O desmatamento e a desertificação*: anualmente são destruídos 17 milhões de hectares de bosques tropicais e, no século XX, o território que ocupavam foi reduzido em 60%. Isto deve-se a uma série de fatores: à exploração indiscriminada da indústria moveleira e de celulose, pela ampliação dos espaços para a agricultura e a pecuária, por causa dos incêndios florestais, pela chuva ácida e a implantação de grandes hidrelétricas. Além disso, a destruição do meio ambiente, juntamente com o uso inadequado do solo - abuso de inseticidas e fertilizantes - está provocando a desertificação de inúmeras áreas<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf. A. GONZÁLEZ, *La praxis cristiana en el imperio global*, 2000 (manuscrito). Aqui, p. 6.

<sup>39</sup> Cf. J. R. AMOR, *Ecología*, a. c., 32.

<sup>40</sup> Cf. A. GONZÁLEZ, *La praxis cristiana en el imperio global*, a. c., 7.

6) *A diminuição da biodiversidade*: todos estes processos de degradação e destruição do meio ambiente ameaçam de extinção a numerosas espécies de plantas e animais do planeta. Das 242.000 espécies de plantas que haviam sido catalogadas até 1997, 14% estão em perigo de extinção. Com os animais a situação não é muito melhor: das 9.600 espécies de aves que povoam a Terra, dois terços estão diminuindo e 11% estão em perigo de extinção. Das 4.400 espécies de mamíferos da Terra, 11% estão em perigo de extinção.

### **3.2. Globalização: uma teoria que se converte em totalizadora<sup>41</sup>**

#### a) Uma realidade que se converte em receita

A globalização econômica é a fase atual da expansão do capital, com predomínio do capital financeiro. Os principais atores do processo são as empresas e as companhias multinacionais e transnacionais que encontram um mercado que facilita e favorece os intercâmbios produtivos, financeiros e comerciais. A globalização econômica é, sem sombra de dúvida, um fato incontestável que vai configurando a vida de milhões de pessoas. Muitas vezes, porém, a globalização converte-se em uma "receita" que se "apresenta com ares de inevitabilidade"<sup>42</sup>. A complexidade da vida social está dominada pela dimensão econômica. A dimensão política, social, cultural e ecológica ficam subordinadas à lógica do mercado.

#### b) Um mercado único

O mundo se auto-compreende como um grande mercado globalizado. Difunde-se a idéia de que a salvação dos países passa, necessariamente, pela sua incorporação nesta dinâmica econômica predominante. O processo de mundialização se funda sobre a mitificação do mercado como solução para todos os problemas da humanidade. Dito em outras palavras, a globalização é um processo em que o capital impõe as suas regras e condições de reprodução, impõe a sua política e tem a pretensão de ser a única estratégia de salvação para a humanidade<sup>43</sup>.

#### c) Uma linguagem dúbida

A liberalização, enquanto processo chave que possibilita a mobilidade dos fluxos financeiros e comerciais, não afeta da mesma forma os campos do processo econômico global. A liberalização do

---

<sup>41</sup> Cf. J. GARCÍA ROCA, *Globalización económica y solidaridad humana, a. c.*, 97-106.

<sup>42</sup> PNUD, *Informe sobre desarrollo humano 1997, o. c.*, 92.

<sup>43</sup> Cf. J. MARTÍNEZ PEINADO, *El capitalismo global, o. c.*, 67.

mercado mundial da mão-de-obra, por exemplo, recebe a dura oposição dos ideólogos do liberalismo. Enquanto o capital se mundializa de maneira acelerada, a força de trabalho continua controlada com medidas legislativas repressivas que visam conter os fluxos migratórios de pessoas que saem dos países pobres para buscarem trabalho nos países ricos. A liberalização tem também duplo sentido quando aplicada aos monopólios. Por um lado propõe-se o fim dos monopólios públicos, mas os monopólios privados continuam intocáveis e são vistos como comprovação do êxito da globalização.

d) O esquema sacrificial

Os ideólogos da globalização econômica, especialmente as instituições mundiais impulsionadoras do processo (FMI, BM, OMC y OCDE), costumam aplicar “receituários” de ajustes econômicos e fiscais para os países emergentes que implicam no corte nos gastos sociais e outras medidas que promovam a abertura da economia. Tudo isto para conseguir um suposto equilíbrio fiscal e um desenvolvimento com crescimento econômico. Os sacrifícios dessas medidas normalmente atingem as camadas mais frágeis da sociedade. Elas são as ‘vítimas imoladas’ no ‘altar do mercado’ para conseguir do ídolo os resultados esperados. Contudo, é pouco provável que a riqueza dos países desenvolvidos possa difundir-se por todo o mundo<sup>44</sup>.

### 3.3. O déficit de democracia

a) A frágil participação democrática

A questão é saber se a aldeia global é justa, equitativa e democrática. Normalmente os conceitos de justiça, equidade e democracia são aplicados no âmbito dos Estados nacionais. Assim, podemos encontrar-nos com o paradoxo de que certos Estados nacionais classificados como democráticos são, desde uma perspectiva global, aqueles que se opõem à democracia<sup>45</sup>. Os Estados nacionais cumprem assim uma função ideológica quando toleram as diferenças sociais mas não reconhecem a cidadania de milhares de pessoas que vivem em seus territórios vindos de países pobres do Sul.

b) O governo de poucos

Os grandes problemas globais como a destruição do meio ambiente e o aumento da pobreza são temas que exigem respostas. A pergunta é a seguinte: quem se responsabiliza por estes temas vitais e com

---

<sup>44</sup> Cf. R. DARENDORF, *El conflicto social moderno*, Mondadori, Madrid, 1990.

<sup>45</sup> Cf. A. GONZÁLEZ, *La praxis cristiana* ..., a. c., 11.

proporções mundiais? Os Estados nacionais, diante de temas tão amplos, sentem-se pequenos para dar uma resposta adequada.

Atualmente o governo econômico da globalização está nas mãos do Grupo G-7, formado pelos sete países mais ricos do mundo, juntamente com os organismos econômicos mundiais como o FMI, o BM e a OMC. A tarefa ética consiste em construir um cenário onde haja espaço para o desenvolvimento de centros de poder mais democráticos, atentos a outras dimensões da mundialização e não somente centrados em elementos econômicos.

## **Conclusão**

A globalização é um processo ambíguo, com possibilidades e riscos. A realidade revela que a globalização hoje tem um caráter preponderantemente comercial e financeiro. A economia de mercado promove uma conquista virtual do mundo e com poucos controles estatais ou democráticos. A dimensão econômica coloniza as demais dimensões da vida causando uma série de distorções no processo. A ausência de critérios éticos e a falta de instituições democráticas e cidadãos que orientem o processo põem em perigo o futuro do processo.

A globalização econômica é, por um lado, um fato incontestável que configura a vida cotidiana de milhões de pessoas e, por outro lado, converte-se em uma "receita" que se "apresenta com ares de inevitabilidade". O mundo passa a entender-se como um grande mercado globalizado, marcado pelo crescimento das desigualdades sociais entre os países. Ancorados no paradigma do progresso ilimitado e na expansão contínua do sistema, a mundialização causa danos irreparáveis ao meio ambiente. A ausência de critérios éticos e a falta de instituições democráticas e cidadãos que orientem o processo põem em perigo o futuro do processo.

As contradições e as imposições do atual processo de globalização amplia a discussão ética sobre o tema. Em todo o mundo surgem vozes e mobilizações sociais que questionam esta globalização promovida à margem de controles democráticos. Para superar a globalização economicista propõem a globalização solidária e multicultural. O debate é rico e permeado de esperança.

É necessário reforçar o papel da política neste processo. É fundamental que os benefícios econômicos oriundos das novas conquistas científicas, fruto do patrimônio cultural da humanidade, sejam partilhados de forma mais equitativa entre a população. A prioridade da ética sobre a técnica é essencial para recuperar a dimensão humanizadora do processo.

Uma globalização distinta, centrada na ética, ganha espaço dentro da sociedade civil e também no pensamento social cristão, que afirma que o processo deve ser orientado por dois princípios éticos inseparáveis: o valor inalienável da pessoa humana e o respeito e valorização das

distintas culturas humanas<sup>46</sup>. Uma globalização distinta implica que o fim e o objetivo se todas as mudanças e progressos sejam focalizados e direcionados para a pessoa e para o bem comum. Esta prática favorece e promove as relações de solidariedade em detrimento das relações de competitividade e orientadas por critérios econômicos. Graças aos novos avanços científicos e tecnológicos é possível construir um mundo mais equitativo e plural. Mas este caminho passa por dar uma nova compreensão e ampliar os processos da atual globalização.

---

**ABSTRACT:** Nowadays the word “*globalization*” is one of the most used. This term started being widely used during the 80’s to define the process in which the same products were simultaneously traded in different parts of the world. The present process is seen as having a world view of the market. Despite being centered in the Economics area, the process reaches all levels of the social life. This text aims to analyze the globalization in three dimensions: techno-economical, social politics and cultural ideology. After having described the phenomenon, we criticize the present process. The main contradictions developed in this article are the increase of inequality and the concentration of wealth; the ecological crisis; the imposed character of the process and the deficit of the democracy. The article is concluded calling the attention for the need of an ethical analysis of the phenomenon.

**KEI WORDS:** globalization; democracy; ethics; social life.

---

## BIBLIOGRAFIA

### Principal:

BECK, U., *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*, Paidós, Barcelona, 1998.

CASTELLS, M., *A sociedade em rede*, Paz e Terra, São Paulo, 2ª ed., 1999.

CEPAT INFORMA 58, Fevereiro/2000 e n. 62, 2000. CEPAT INFORMA é uma publicação mensal do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Curitiba – PR.

DEHESA, G. De La, *Comprender la globalización*, Alianza, Madrid, 2000.

FLORES OLEA, V., e MARIÑA FLORES, A., *Crítica de la globalidad. Dominación y liberación en nuestro tiempo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1999.

GARCÍA ROCA, J., *Globalización económica y solidaridad humana*, en: AA.VV., *A globalización y sus excluidos*, Verbo Divino, Estella, 1999.

GONZÁLEZ-TABLAS, A. M., *Economía política de la globalización*, Ariel, Barcelona, 2000.

MARTÍNEZ PEINADO, J., *El capitalismo global. Límites al desarrollo y a la cooperación*, Icaria, Barcelona, 1999.

PETRELLA, R., *El bien común. Elogio de la solidaridad*, Debate, Madrid, 1997.

RAMONET, I., *Globalization, inégalités et résistances*, Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2001- [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br)

---

<sup>46</sup> Cf. João Paulo II, *Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais*, 27-04-2001. Em: *L'Osservatore Romano* de 03-05-01 (Edição Portuguesa).

RIKFIN, J., *O fim dos empregos*, Makron Books, São Paulo, 1995.  
SERRANO, J. M., *La globalización*”, Cuadernos Cristianisme i justícia, nº 103, Barcelona, 2000.

**Complementar:**

ADDA, A., *Globalización de la economía*, Sequitur, Madrid, 1999.  
AMOR, J. R., *Ecología*, en: J. GAFO, *10 palabras clave en Ecología*, Verbo Divino, Estella, 1999.  
BANCO MUNDIAL, *Informe sobre o Desenvolvimento Mundial 2000/20001: Luta contra a pobreza*, 2000, em: página WEB [www.bancomundial.org](http://www.bancomundial.org)  
BELL, D., *O advento da sociedade pós-industrial*, Cultrix, São Paulo, 1977.  
BRUCKNER, P., *La tentación de la inocencia*, Anagrama, Barcelona, 1996.  
CNBB, *A fraternidade e os desempregados: sem trabalho... por quê?*, texto-base, Salesiana, São Paulo, 1999.  
CORTINA, A., *10 palabras clave en filosofía política*, Verbo Divino, Estella, 1998.  
DAHRENDORF, R., *El conflicto social moderno*, Mondadori, Madrid, 1990.  
FROMM, E., *Ter ou ser?*, Zahar, Rio de Janeiro, 1977.  
HOUTARD, F., *Las alternativas creíbles del capitalismo mundializado*: Pasos 89, (2000), San José. Em Internet consultar a página Web [www.dei-cr.org](http://www.dei-cr.org)  
JOÃO PAULO II, *Discurso na Academia Pontifícia de Ciências Sociais*, 27-04-2001. Em: *L'Osservatore Romano* de 03-05-01 (Edição Portuguesa).  
MOLTMANN, J., *Doutrina Ecológica da Criação – Deus na Criação*, Vozes, Petrópolis, 1993.  
PNUD, *Informe sobre el Desarrollo Humano 1997*, Mundi- Prensa, Madrid, 1997.  
PNUD, *Informe sobre el Desarrollo Humano 1999*, Mundi-Prensa, Madrid, 1999.  
SANTOS, M., *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 8ª ed., 2001.  
SEBASTIÁN, L. De, *La mundialización económica*, en: AA.VV., *¿Mundialización o conquista?*, Sal Terrae, Santander, 1999.  
VIDAL VILA, J. M., *Mundialización y Estados Nacionales*, en AA.VV., *Maastricht y el futuro de Europa*, Del Serbal, Barcelona, 1997.